

Evidências e aprendizagem: Fortalecimento de dados relacionados com crises e riscos ao sistema de informação e à educação institucional

Estudo de caso – BRAC Institute of Educational Development

Rápida reformulação e adaptação dos processos e da programação de dados relacionados à EeE: Modelo Pashe Achhi na educação infantil em educação situações de emergência, nos campos de refugiados Rohingya, em Bangladesh

Breve descrição da prática e das principais aprendizagens

Em março de 2020, depois após os casos de coronavírus em Bangladesh serem confirmados, tanto o Laboratório Humanitarian Play Labs (HPL, na sigla em inglês) e os principais Laboratórios Play interromperam temporariamente as suas operações presenciais de acordo com o mandato do governo. A pandemia colocou em risco a saúde física das pessoas e teve um grande impacto nas suas condições socioeconômicas e de saúde mental. Conseqüentemente, o BRAC explorou abordagens alternativas e projetou um modelo de telecomunicações, Pashe Achhi, para apoiar todos os beneficiários diretos, durante a pandemia. O objetivo da intervenção era estar conectado aos beneficiários e promover o bem-estar e o desenvolvimento das crianças por meio de práticas de aprendizagem, parentalidade positiva e autocuidado baseadas em brincadeiras.

Uma vez que as/os cuidadoras/es foram as/os principais agentes da aprendizagem e desenvolvimento das crianças durante a pandemia, o modelo fornece-lhes apoio psicossocial e apoio à aprendizagem. Para facilitar as chamadas, o modelo formou dinamizadoras/es em desenvolvimento na primeira infância, aprendizagem através de jogos, aprendizagem lúdica e saúde mental. Pashe Achhi é um modelo de telecomunicações que consiste em componentes de teleaconselhamento e teleaprendizagem. Depois de receber a formação, os líderes Play começaram a ligar para as famílias todas as semanas para realizar uma sessão telefônica de 20 minutos (10 minutos com a mãe e 10 minutos com a criança) com base nos roteiros entregues. Nos primeiros 10 minutos, os líderes Play dão ao apoio psicossocial básico para mães e cuidadores, dicas sobre envolver as crianças e discutir questões de saúde e higiene.

A pandemia COVID-19 significou que o BRAC precisou transformar rapidamente as metodologias de coleta de dados do desenvolvimento na primeira infância e de coleta de dados, isto exigiu grandes quantidades de capacitação tanto na organização quanto externamente com populações afetadas e partes interessadas. Este processo revelou que para "reequipar" e adaptar os processos de programação e produção de dados da EeE em velocidade e escala, é fundamental criar competências e capacidades fundamentais, como o uso de *smartphones*. Para além disso, a construção de processos de coleta de dados e entrega de programas, depois de entender qual a rede já disponível, potenciando as redes comunitárias existentes nas comunidades afetadas, permitiu a rápida transformação alcançada pelo BRAC com as comunidades Rohingya. Apesar dos desafios com conectividade, capacidade, literacia de dados e acesso, o BRAC ainda conseguiu continuar a coletar dados validados relacionados à EeE, que

foram essenciais para informar, iterar e garantir a continuidade do desenvolvimento na primeira infância em contextos de EeE.

Que desafios a prática/iniciativa aborda e por que foi necessária a mudança?

Devido à pandemia de COVID-19, que se iniciou em março de 2020, todas as intervenções presenciais, incluindo processos de coleta de dados nos campos, tiveram que ser suspensas temporariamente. Nessas circunstâncias, responder à crise do COVID-19, bem como continuar a prestar todos os serviços regulares, revelou-se extremamente difícil, pois o BRAC não conseguiu alcançar ou conectar-se pessoalmente com as/os beneficiárias/os. Assim, o BRAC recorreu à análise da situação *online* e à coleta de dados em campo, para explorar todas as possibilidades de ligação remota alternativas para chegar às/aos beneficiárias/os. A partir das análises, verificou-se que nem toda a área do campo tinha cobertura de rádio e, portanto, não era viável utilizar o rádio como modalidade remota para chegar às/aos beneficiárias/os. No entanto, como quase todas as famílias nos campos possuíam telefones básicos, sem ligação à internet, prosseguir com as telecomunicações como a modalidade possível parecia ser a melhor opção. O BRAC aproveitou esta oportunidade para criar o modelo de telecomunicações Pashe Achhi para contactar remotamente beneficiárias/os. Para monitorizar a eficácia do modelo, o BRAC também reimplantou a análise remota e a coleta de dados, utilizada para a análise situacional, e integrou meios de validação dos dados.

O que se buscou alcançar? De que forma as metas e os objetivos se relacionam com a melhoria da identificação e da monitorização das necessidades e das barreiras na educação, em contextos e situações de emergência e afetados por crises?

A prática visava ligar as crianças e suas/seus cuidadoras/es para responder a suas necessidades de desenvolvimento, bem-estar e apoio psicossocial. A crise do COVID-19 exigiu também a divulgação de mensagens de consciencialização e precaução sobre a COVID-19. O mecanismo de aprendizagem à distância Pashe Achhi destina-se a promover o bem-estar de cuidadoras/es e crianças e fomentar o desenvolvimento infantil através de aprendizagem baseada em brincadeiras lúdicas, parentalidade positiva e práticas de autocuidado das/os cuidadoras/es. Uma vez que a disponibilização de apoio psicossocial se tornou cada vez mais fundamental durante a pandemia, esse modelo integrou o apoio psicossocial através de abordagens de aprendizagem lúdica para incentivar interações positivas entre as/os cuidadoras/es e as crianças.

Para disponibilizar esse apoio, é necessário avaliar e desenvolver com precisão a capacidade das/os dinamizadoras/es. Portanto, o BRAC tem trabalhado continuamente no seu desenvolvimento de capacidade no desenvolvimento na primeira infância e suporte psicossocial sob um enquadramento de aprendizagem e cura, permitindo a oferta de suporte apropriado para o contexto. Durante todo o confinamento, o BRAC monitorizou remotamente o cenário de crise e investiu na análise da situação e das necessidades para garantir que as necessidades de educação e apoio psicossocial das/os beneficiárias/os fossem atendidas.

A sua prática alcançou as metas e os objetivos iniciais? Quais foram os principais resultados?

Sim, a prática correspondeu às metas e aos objetivos iniciais. A modalidade de telecomunicações Pashe Achhi mostrou-se eficaz para responder às necessidades educativas das crianças e capaz de garantir o desenvolvimento psicossocial e o bem-estar das crianças e de suas/seus cuidadoras/es, em contexto de crise. A “Avaliação anual dos resultados dos modelos de HPL e Play Lab em crianças, cuidadoras/es e

facilitadoras/es (2020) HPL/Play Labs” foi realizada pela equipa de Pesquisa BRAC IED e as descobertas mostraram que o modelo de telecomunicações de Pashe Achhi alcançou um sucesso significativo na promoção do desenvolvimento das crianças, apesar dos tremendos desafios representados pela crise de COVID-19.

Juntamente com as perdas de aprendizagem, a pandemia tornou difícil o bem-estar das crianças devido ao encerramento do HPL/Play Lab, à falta de diversão e passeios, à violência doméstica, a maus-tratos e ao acesso limitado a recursos. Além disso, foi difícil e cansativo para as/os cuidadoras/es desempenhar seus papéis na promoção do bem-estar e do desenvolvimento das crianças devido ao estresse mental gerado pela incerteza, pelo desemprego, pela crise financeira e pelas mudanças no estilo de vida. Assim, a telecomunicação Pashe Achhi foi uma oportunidade para obterem apoio psicossocial, alargar os seus conhecimentos sobre desenvolvimento na primeira infância e saúde mental, trazer mudanças positivas de atitude e traduzir esse conhecimento em práticas saudáveis, como o autocuidado. Assim, as/os cuidadoras/es podem melhorar o seu bem-estar e envolver-se mais com as crianças. Por outro lado, as crianças inicialmente começaram a aprender mecanismos de enfrentamento e competências de resiliência do HPL/Play Labs, através de atividades lúdicas e continuaram a aprendizagem com Pashe Achhi, o que as ajudou a lidar com esta crise universal. Dessa maneira, a perda de aprendizagem das crianças foi reduzida de forma eficiente e o desenvolvimento foi estimulado para algumas crianças, como resultado do envolvimento das/os cuidadoras/es e do desenvolvimento de competências de resiliência pelas crianças.

Que partes interessadas foram envolvidas? Como se garantiu que o seu envolvimento foi participativo e colaborativo?

Quando se trata de análise de necessidades, o BRAC utiliza uma abordagem de baixo para cima e envolve a comunidade – pais, cuidadoras/es, voluntárias/os Rohingya, Comité de Proteção da Criança Baseado na Comunidade (CBCPC, na sigla em inglês) – capacitando-as/os em questões de educação e apoio em crises tem sido também parte integrante desta prática. Antes da implementação de qualquer projeto, o BRAC conduz a avaliação de necessidades através do envolvimento da equipa relevante do programa e da equipa de pesquisa. Para além disso, o BRAC consulta as comunidades envolvidas para responder às necessidades contextuais e culturais. Portanto, os programas são adaptados às necessidades das/os beneficiárias/os e estão abertos a modificações a partir do *feedback* obtido. O BRAC tem vindo a envolver-se e a responder a comunidades há anos e, como resultado disso, tem ganho uma boa reputação e construído relações. Algumas técnicas utilizadas para entender as necessidades da comunidade, inclusive com o modelo Pashe Achhi, incluem observação etnográfica, entrevistas individuais, discussões em grupo, entrevistas aprofundadas, participação comunitária no processo de implementação e desenvolvimento conjunto de *workshops*.

De que forma a prática contribuiu e potencialmente fortaleceu os sistemas de informação educativa institucional, nestas circunstâncias?

Quatrocentos laboratórios de brincadeiras estão em escolas do governo e resultaram na formação de diretoras/es e professoras/es, o modelo de programação e processos de dados forneceu enquadramento para expansão do Governo do Bangladesh e do Ministério da Educação. Além disso, as/os líderes de brincadeiras ou dinamizadoras/es desses 400 laboratórios de brincadeiras passaram por um rigoroso processo de desenvolvimento de competências, em plataformas virtuais, e estão muito familiarizados com o uso de tecnologias como *smartphones* e candidaturas móveis. Em comparação com a situação em

março de 2020, quando a pandemia tinha acabado de surgir, as/os líderes de brincadeira/dinamizadoras/es de jogo desenvolveram significativamente a sua capacidade tecnológica. Esse aumento de capacidades e literacia tecnológica e de dados deve estender-se a outros processos similares no sistema educativo nacional, portanto, o BRAC tem contribuído potencialmente para fortalecer os sistemas de informação e educação institucional nestas circunstâncias.

Que desafios e barreiras enfrentou e de que forma mudou a sua abordagem para superá-los?

Um dos principais desafios desta pandemia foi apoiar e garantir que todas/os as/os colaboradoras/es pudessem usar eficazmente a tecnologia e os sistemas de informação. A pandemia do COVID-19 foi difícil, mas proporcionou várias oportunidades de desenvolvimento e adaptação. Ao logo da pandemia, o BRAC foi forçado a implementar e a realizar atividades diárias por meio de modalidades remotas. Isso incluiu trabalhar em casa, transformar a intervenção presencial em modalidades a distância, realizar a formação através de meios *online* e também recolher dados através de medidas alternativas.

Todas/os as/os colaboradoras/es receberam formação em várias aplicações para se habituarem a participar e a organizar reuniões *online*. Houve uma mudança enorme, pois no espaço de um mês todas/os as/os colaboradoras/es ficaram bem preparadas/os, com conhecimento e experiência na utilização de *smartphones* e computadores. Além disso, em termos de intervenção, prestação de serviços e processos de dados, o BRAC também foi forçado a mudar para mecanismos a distância. Isto incluiu a realização de formação de gestoras/es, que formam as/os trabalhadoras/es da linha da frente, em aplicações móveis e meios de comunicação. Os membros da equipa realizaram toda a formação do serviço Play Lab e Pashe Achhi (telecomunicações) para as/os dinamizadoras/es e professoras/es usando meios como o Zoom e o Google Meet.

Toda a coleta de dados foi realizada através de chamadas telefónicas e classificada por sistemas SIG, como o «TAROWORKS». Esta pandemia ensinou toda a organização a mitigar desafios e adaptar-se em tempos de crise a modalidades fora da sua zona de conforto. Consequentemente, isto criou competências em toda a organização, desde as/os colaboradoras/es da Sede até as/os colaboradoras/es da linha da frente que realizam intervenções nas áreas rurais do Bangladesh e nas comunidades Rohingya do Bangladesh.

Durante a implementação do serviço de telecomunicações Pashe Achhi nos campos Rohingya de Bangladesh, um dos grandes desafios foi recolher os números de telefone e manter as ligações durante as sessões telefónicas. Uma vez que a comunidade Rohingya não tinha cartões SIM registados, ficaram hesitantes em partilhar os seus números. De qualquer maneira, as/os colaboradoras/es de campo conseguiram construir relações de confiança com as/os beneficiárias/os e foram capazes de recolher os números de cerca de 86% da população. Em termos de conectividade, ministrar sessões foi um desafio, pois as ligações caíam após alguns minutos de sessão. Isto criou disrupção no serviço entregue; contudo, mais tarde, esta disrupção foi mitigada aumentando a duração das sessões, tendo em conta a queda de chamadas.

No início de 2021, os incidentes de incêndios nos campos Rohingya deram origem a algumas normas do governo para proibir a comunicação na comunidade Rohingya. Isto criou dificuldades adicionais na implementação das intervenções através de telefone. Contudo, o BRAC foi criativo nas suas abordagens e transformou as sessões telefónicas em visitas ao domicílio para assegurar que nenhum/a cuidador/a ou criança Rohingya foram deixados para trás ou sem acesso ao serviço, em nenhum momento.

Qual foi a principal aprendizagem da sua prática? Se tivesse que fazê-la novamente, o que faria de forma diferente? Que conselhos daria para ajudar alguém de outra organização que enfrenta desafios semelhantes?

Devido à natureza de mudança rápida dos contextos de crise, a maior aprendizagem desta prática foi ter capacidade de adaptação contínua à mudança, de acordo com as necessidades, e responder imediatamente à crise em questão. Além disso, envolver membros da comunidade na resposta a crises é uma ideia excelente, pois os desafios e as soluções vêm sempre das respectivas comunidades. Envolver membros da comunidade dá-lhes a oportunidade de estar ao serviço das respectivas comunidades e ajuda a desenvolver um sentido de “propriedade”, o que, em contrapartida, gera um sentido de responsabilidade, inspirando-as/os a tomar os assuntos nas próprias mãos e a apoiar certas práticas.

Evidências de apoio

1. Sumário do estudo: Eficácia do Modelo de Telecomunicação Pashe Achhi nos Campos Rohingya – junho 2021
2. Sumário do estudo: Explorando os efeitos do Modelo de Telecomunicações de Pashe Achhi em cuidadoras/es Rohingya e suas crianças nos tempos de COVID-19 – março de 2021
3. Relatório preliminar do resultado da avaliação anual dos modelos de HPL e Play Lab em crianças, cuidadoras/es e facilitadoras/es (2020) – março de 2021